

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

MARIA LIRIEL SANTOS DE ARAÚJO

QUASE "IA" SENDO REAL: DRAMATURGIA AUTORAL SOBRE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NOS TEMPOS ATUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teatro da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alves Brazil

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Alves Brazil (Orientador)
Departamento de Teatro (UFS)

Profa. Dra. Olívia Camboim Romano Brazil
Departamento de Teatro (UFS)

Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva
Departamento de Teatro (UFS)

Profa. Dra. Alissan Maria Okundewá (Suplente)
Departamento de Teatro (UFS)

Aprovado em:
22/07/2026

São Cristóvão/ SE
2026

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todos os escritores que não desistiram de escrever.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus pela saúde que tenho e por sempre me fortalecer em momentos em que nem eu mesma queria me levantar da cama. Tenho uma profunda gratidão pela sua luz espiritual que sempre está acesa em meu coração, e por me guiar pelos vales da sombra quando eu sentia que não tinha mais forças para continuar.

Segundamente, quero expressar minha gratidão e reconhecimento profundo pela dedicação dos meus pais desde o dia que ingressei na Universidade Federal de Sergipe e por me apoiarem e me fortalecerem no meu momento de crise. Esses pilares da minha vida sempre estiveram e estarão me sustentando a cada passo que atrevo dar. Seus esforços suados, espero um dia compensar-lhes em dobro por tudo que me fizeram e farão. Do meu pai, Lázaro Saturnino de Araújo, herdei a força de vontade, e da minha mãe, Lucilene Livino dos Santos de Araújo, herdei a paciência para fazer tudo acontecer. Agradeço imensamente pela autonomia do meu pai que reconstruiu sua carreira profissional conquistando com o tempo o seu sonhado escritório e a própria microempresa de Gás e Água junto com a minha mãe, e todo o desempenho dos dois que me inspiram fortemente em seguir em frente. A cada botijão de gás e galão de água erguido pelo meu pai sobre suas costas, muita das vezes em dias de muito sol, reconheço e expresso minha sincera gratidão pela sua força que tanto me inspira e me guia. A cada organização e precisão vindos da minha mãe, em dias de dor e conflito, expresso minha sincera gratidão pelos seus momentos de tranquilidade que tanto me acalmavam.

Agradeço terceiramente aos meus familiares queridos tios, tias, primos e primas, que sempre torceram pelas minhas conquistas pessoais e estiveram ao meu lado, e até mesmo longe por causa da distância, por me apoiarem e me iluminarem nos dias de escuridão. Especialmente quero agradecer aos meus avós: Dona Carminha, Sr. Manu, Dona Inês e o meu falecido e eterno Sr. Saturnino, por sempre me abençoarem e por me enviarem sempre os anjos da guarda para me guardarem.

Quero expressar a minha gratidão por todos os amigos que conquistei durante o curso e na cidade que me instalei. Vocês foram e serão sempre lembrados com muito amor no meu coração, todos vocês que me ajudaram e me fortaleceram na minha jornada. Aos meus amigos de Pibid: Elillie, Hemerson e Viviane, obrigada por essa experiência abençoada que somente nós entendemos o peso e o valor desse Pibid. Para as minhas amigas do condomínio, agradeço pela parceria, amor e carinho que sempre tiveram pela minha pessoa. Para os meus amigos da Universidade, agradeço por sempre me guiarem e estarem comigo nessa jornada quando eu mais precisei, e vice-versa. Agradeço aos meus amigos teatreiros na qual dividimos palcos e

sorrisos de diversas formas de fazer teatro. Cada um de vocês tem em meu coração, um espaço único. Obrigada por subirem comigo em cada palco dessa vida e por me incentivarem a sempre estar conectada com essa arte linda que nos interliga emocionalmente e nos expande como artistas.

Quero agradecer também ao professor Marcelo Brazil pela sua paciência de ser o meu orientador de TCC, e me ajudar a estruturar as minhas ideias. A sua inteligência e paciência me enche de energia para criar e compartilhar com outras pessoas. Obrigada professor pela sua ótima orientação e por todas as suas fontes, obras, direcionamentos e ideias que surgiram durante toda a criação do meu memorial. Este memorial não é totalmente meu, ele também é um pedaço do fruto do seu conhecimento que me guiou até aqui.

E por fim, quero agradecer a mim mesma por ser quem eu sou e pela verdade e evolução que venho buscando desde o dia que me reconheci merecedora de todas as abundâncias que a vida tem para me oferecer.

RESUMO

Este trabalho consiste em um memorial descritivo artístico sobre a criação de uma dramaturgia que aborda temas atuais como a Inteligência Artificial (IA). Com base em pesquisa teórica e prática, desenvolvi uma dramaturgia experimentando o personagem e a tecnologia em cena, investigando discursos contemporâneos sobre Inteligência Artificial e suas influências atuais. Teoricamente, o trabalho dialoga com as contribuições da Renata Pallottini, especialmente no que se refere à dramaturgia e à criação de personagem. Para a discussão sobre Inteligência Artificial, trago a perspectiva de autores que abordam a tecnologia em cena, como Saulo Popov Zambiasi e Patricia Leandra Barrufi Pinheiro, no artigo *Teatralidade e Novas Tecnologias - A Inteligência Artificial como Recurso para a Teatralidade*, além das contribuições de Stuart Russell e Peter Norvig. A partir dessas referências, busco usá-las como base para a criação de um texto dramático reflexivo. A minha intenção é colocar o público para refletir sobre os seus próprios comportamentos referente à IA e como, de alguma maneira, cada um de nós se comporta diante dessa tecnologia. Ao final, farei uma leitura dramática para finalizar a apresentação do memorial.

Palavras-chave: dramaturgia; Inteligência Artificial; atuação; teatro.

ABSTRACT

This work consists of an artistic descriptive memorial about the creation of a play that addresses current topics such as Artificial Intelligence (AI). Based on theoretical and practical research, I developed a play experimenting with the character and technology on stage, investigating contemporary discourses on Artificial Intelligence and its current influences. Theoretically, the work engages with the contributions of Renata Pallottini, especially regarding dramaturgy and character creation. For the discussion on Artificial Intelligence, I bring the perspective of authors who address technology on stage, such as Saulo Popov Zambiasi and Patricia Leandra Barrufi Pinheiro, in the article Theatricality and New Technologies - Artificial Intelligence as a Resource for Theatricality, as well as the contributions of Stuart Russell and Peter Norvig. From these references, I try to use them as a basis for creating a reflective dramatic text. My intention is to make the audience reflect on their own behaviors regarding AI and how, in some way, each of us acts in the face of this technology. At the end, I will do a dramatic reading to conclude the presentation of the memorial.

Keywords: dramaturgy; Inteligência Artificial; acting; theatre.

Lista de ilustrações

Figura 1 - Prompt relacionado ao livro no ChatGP. 07

Figura 2 - Envio da atividade da Disciplina de Seminário junto com os dispositivos. 13

Figura 3 - Dispositivos Criativos. (Ilustração). 14

Figura 4 - Mapa do cenário + iluminação. 15

Figura 5 - Testando Cenário + Iluminação. 16

Figura 6 - Sonoplastia de *Quase "IA" Sendo Real* no Audacity. 18

Figura 7 - (Bastidores) Operador da Iluminação: Hemerson. 19

Figura 8 - Cérebro Eletrônico. 19

Figura 9 - Cenário finalizado (apresentação: 22/07/2026) 34

Figura 10 - Cena da leitura dramática. 34

Figura 11 - Momento de finalização do memorial 35

Figura 12 - Lembrancinha de TCC - Quadro e pintura. 36

SUMÁRIO

1.	**APRESENTAÇÃO**	01
2.	**INTRODUÇÃO**	03
3.	**MOTIVAÇÃO PESSOAL**	05
4.	**A CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA**	12
4.1	Texto *Quase "IA" Sendo Real*	20
5.	**REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE E AUTORIA NA ERA DA IA**	28
6.	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	33
7.	**REFERÊNCIAS**	37

1. APRESENTAÇÃO

Quando eu era mais nova, sempre tive o desejo de fazer Artes Cênicas, mas de onde eu venho, da cidade de Paulo Afonso, Bahia, e da cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas, não há escolas e nem influência sobre isso. Eu nasci na cidade de Paulo Afonso no dia 02 de agosto no ano de 2002 e morei em um pequeno município de Alagoas chamado Barragem-Leste, que fica próximo à fronteira da Bahia com Alagoas, onde muitos conhecem a Ponte Metálica de Dom Pedro II, um dos pontos turísticos mais visitados nesta região. Eu cresci nesse pequeno bairro projetando sonhos muito longe da minha realidade, e mesmo assim nunca deixei de desejar o que eu sempre quis ser e fazer. Até que, quando fui crescendo, pude, pela primeira vez, experimentar o teatro através de um projeto junino da escola onde eu estudava, a Escola Jeito de Ninar. A Escola Jeito de Ninar fica localizada no bairro Barragem-Leste-Alagoas, onde eu estudei do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Por volta de 2010, a época de Copa do Mundo e São João, antes do mês de Junho chegar, a escola toda se organizava para realizar um evento com músicas, danças, teatro, sorteios e jogos juninos, para o entretenimento e diversão dos alunos, professores, funcionários, familiares e amigos da comunidade.

Por volta de 2009, peguei o buquê da noiva matuta, e no ano seguinte quem foi a noiva fui eu. Com dois meses, antes do dia do evento, ensaiamos incansavelmente a dramaturgia do casamento matuto e a quadrilha junina. Foi naquele momento que presenciei o teatro e o fazer teatro. Naquela época, sempre soube que fazer e criar arte era o caminho que eu queria trilhar, e, mesmo com pouca idade, levava a sério a brincadeira de atuar com os meus colegas sob a supervisão da minha professora da época, Cristiane, que até nos dias de hoje tenho um enorme carinho e admiração por ela, em que a chamo de Tia Cris. Recordo-me que antes de entrar no palco junto com os meus colegas, a sensação de frio na barriga não passava, e o medo irracional de errar era constante pela cobrança que eu tinha em mim mesma. Mas, quando me vi no palco junto com os meus colegas da época, me senti confiante o suficiente para sustentar o teatro do casamento matuto sob os olhares dos familiares e amigos que estavam na plateia prestigiando e admirando o nosso teatro.

O interesse por fazer teatro foi gradativamente tomando espaço dos meus interesses pessoais, até que eu mesma comecei a gravar vídeos e inventar personagens a cada filmagem, como: a jornalista, a médica, a louca do hospício, a psicóloga, e etc. A cada brincadeira de criar personagem, fui estimulando minha criatividade com cada criação. Além de escrever no papel o nome e a profissão do personagem, inventava modos e gestos para cada um deles,

para que cada um tivesse uma identidade única como pessoa fictícia. Usava também as folhas do meu diário para escrever os episódios de uma série de personagens aleatórios na tentativa de seguir o roteiro, mas, como nem sempre seguimos o roteiro da vida, improvisamos nos momentos em que perdemos a linha do personagem. Para complementar a identidade desses seres criados por mim, pegava as roupas e as maquiagens da minha mãe Lucilene, e sentia-me, verdadeiramente, o personagem da minha criação.

Quando fui crescendo e percebendo que eu teria que escolher entre fazer a faculdade dos meus desejos ou fazer algo que não seria do meu interesse, escolhi sem pestanejar fazer o curso que sempre foi do meu interesse. Quando ingressei na Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2021, na Licenciatura em Teatro, iniciei os estudos no modo on-line. No início, foi muito difícil esse modelo de ensino, mas quando os ensinos presenciais voltaram, alegrei-me pela conquista de estar realizando a Universidade que sempre desejei, mesmo sendo em outro estado. Mesmo o curso sendo voltado para a licenciatura, muitas matérias em que fui aprovada contribuíram para a minha formação como professora, artista e humana. Todos os conhecimentos que colecionei durante todos esses anos me ajudaram a escolher o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, levando-me a querer trazer um tema atual para apresentar na dramaturgia que eu escrevi, um pedaço da realidade de muitas pessoas.

O motivo que me levou a escolher esse tema tão atual está localizado no primeiro capítulo, onde revelo as inspirações e os conflitos que enfrentei para criar todo esse Trabalho de Conclusão de Curso.

2. INTRODUÇÃO

Este memorial artístico propõe destacar a produção do material para pôr fim a apresentá-lo, buscando refletir sobre o uso da Inteligência Artificial[1] (IA) na contemporaneidade do nosso dia a dia e de como o uso de IA pode interferir nas nossas atividades mais comuns. Me comprometi a escrever uma dramaturgia que trouxesse esse elemento para explorar a interação entre humano e máquina, e de como muita das vezes deixamos de criar ou fazer algo para que a própria IA crie e faça por nós. Sob a orientação do professor Marcelo Brazil, fui motivada a escrever uma dramaturgia autoral que bebesse de obras artísticas e artigos que trouxessem o elemento IA para favorecer a minha fonte de inspiração e enriquecer o meu conhecimento para a criação do texto dramático.

Embora a tecnologia não tenha sido uma área com a qual eu possuísse muita afinidade, reconheço sua crescente presença na sociedade contemporânea. Diante desses acontecimentos, resolvi estabelecer essa conexão entre o Teatro e a IA de maneira criativa e crítica, para causar uma provocação nas pessoas de modo geral de como a tecnologia vem impactando atualmente na vida das pessoas. Para a criação da dramaturgia, tomei como referência filmes, livros e até mesmo uma experiência pessoal que vivenciei recentemente. *Quase "IA" Sendo Real* como o título diz, traz um jogo de palavras que dialoga com a obra. A expressão sugere tanto a ideia de algo que "iria acontecer" quanto a sigla IA, referente à Inteligência Artificial. Já a expressão "Sendo Real" remete à aproximação entre o artificial e o humano, estabelecendo uma reflexão sobre os limites entre realidade, tecnologia e imaginação. Inicialmente, eu pensei em convidar uma conhecida para contracenar comigo, já que a obra teria apenas dois personagens, a humanoide e a humana. Mas, como a minha convidada passou a não poder me auxiliar nessa questão, reordenei minha dramaturgia para que só houvesse apenas uma pessoa em cena conversando com uma máquina. Assim que finalizei a escrita da dramaturgia, enviei para o meu orientador Marcelo Brazil que aprovou a ideia de que eu mesma poderia contracenar com a máquina, que passa a ser o notebook em cena.

Além da apresentação e da introdução do meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresento três capítulos separadamente. No primeiro capítulo, trago a experiência que me motivou a escrever a dramaturgia partindo de uma realidade minha que usei como base para

[1] De acordo com o site Uol, "A inteligência artificial é um campo da ciência da computação que se dedica ao estudo e ao desenvolvimento de máquinas e programas computacionais capazes de reproduzir o comportamento humano na tomada de decisões e na realização de tarefas, desde as mais simples até as mais complexas. É comumente referida pela sigla IA ou AI (em inglês, artificial intelligence)." (2023, Uol)

a construção do texto dramático. No segundo capítulo, relato a construção do texto dramático e seus elementos, e logo em seguida mostro o roteiro finalizado. Tendo também por base estudos teóricos de autores e autoras que refletem sobre dramaturgia. No terceiro capítulo, descrevo minha experiência como escritora iniciante e o que a dramaturgia revela sobre mim.

3. MOTIVAÇÃO PESSOAL

Há uns anos atrás, antes mesmo de eu ingressar no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe, decidi escrever um livro. Assim, em 2020, durante a pandemia da Covid-19, iniciei a escrita do meu romance de maneira livre e autoral, sem apoio profissional ou estudo sobre como eu poderia escrever um livro. Como estávamos em uma época de quarentena, a única janela de acesso à informações de como escrever um livro eram os aparelhos eletrônicos, celular e notebook, onde me dediquei a pesquisar sobre narrativas, criação de personagens, estruturação de texto e outros elementos que compõe a escrita de um romance para dar início a um projeto que eu mesma iria produzir.

Quando ingressei na UFS no ano de 2021, iniciei os estudos na modalidade remota, já que durante o período de emergência sanitária, em conformidade com o - Ministério da Educação (MEC) - Portaria nº 544/2020, as aulas presenciais foram efetuadas por meios digitais, conforme a Resolução nº 26/2020/CONEPE que aprovou normas para a realização das Atividades Educacionais Remotas Emergenciais (AERE). Durante esse período, pude me dedicar aos ensinos acadêmicos e a escrever o meu romance enquanto estava estudando remotamente. Quando o ensino presencial voltou a funcionar, no ano de 2022, por fim me mudei de Alagoas para estudar presencialmente em Sergipe. Diante desse cenário, nova na cidade e ingressando na Universidade, tive que me adaptar ao local, situações e descobertas que fui vivenciando durante o meu início do meu curso. Enquanto isso, eu ainda estava produzindo a escrita do meu romance e com o passar dos meses e com a crescente de atividade a serem feitas, fui perdendo o ânimo de escrever o meu livro. Tanto que parei de escrevê-lo por meses.

A pausa na escrita do meu livro, me deixou por um lado leve e por outro lado entristecida. Leve, porque pude de vez dar atenção aos meus estudos e atividades acadêmicas, e entristecida, porque eu já não conseguia mais retomar à escrita do romance no mesmo ritmo em que comecei. Todas as vezes que eu tinha um tempo para poder me dedicar às atividades de lazer, fora do campo universitário, eu não conseguia realizar nada para acrescentar no meu livro. Não conseguia me sentir inspirada, mesmo assistindo e lendo assuntos específicos que tinham conexões com a minha obra. Todas as vezes que eu abria o arquivo e relia as últimas páginas que escrevi, queria mudar sempre algum elemento ou acrescentar algo que às vezes não combinava com o roteiro que já estava escrito, e na maioria das vezes excluía a página ou o elemento que eu já sentia que não combinava mais com a narrativa do romance. Entre esses

picos de energias e quedas que eu tinha, para dar continuidade na escrita do meu romance, descobri que estava com "bloqueio criativo"[2]. Eu não conseguia criar e nem desenvolver o que já estava escrito. Havia meses que eu me encontrava de frente para o computador, ouvindo músicas, porque escutar músicas me impulsiona a escrever, e mesmo assim não conseguia produzir nada de interessante que pudesse ser útil para a história do meu romance. De acordo com a Wikipedia descobri que o termo "bloqueio criativo" surgiu de um psiquiatra austríaco chamado Edmund Bergler:

> No entanto, somente em 1947 o termo bloqueio criativo foi cunhado pelo psiquiatra austríaco Edmund Bergler. Todos os tipos de escritores, incluindo profissionais em tempo integral, acadêmicos, trabalhadores em projetos criativos e aqueles que estão tentando concluir trabalhos escritos, podem passar por bloqueio criativo. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bloqueio_do_escritor. Acesso em: 04/08/2026)

Um fato interessante é que durante esse meu bloqueio criativo, eu ainda sentia muita vontade de voltar a escrever o romance, mas eu já não tinha mais impulso e inspiração para continuar a escrever com base nas fontes que me inspirei inicialmente. Foi quando surgiu o ChatGPT[3] que eu percebi que algo poderia ir adiante.

Com a chegada de um novo software[4], eu tive a curiosidade de iniciar um *chat* relacionado ao meu livro com o ChatGPT. Fui testando sua plataforma e suas bases de conhecimento até que descobri que o ChatGPT também poderia criar algo novo de acordo com os *prompts* que eu escrevia. Como eu estava com bloqueio criativo, e precisava terminar a minha obra, lancei para o *chat* um *prompt* com um pedaço da história do meu livro em que eu queria escrever para testar o que ele poderia me lançar como solução.

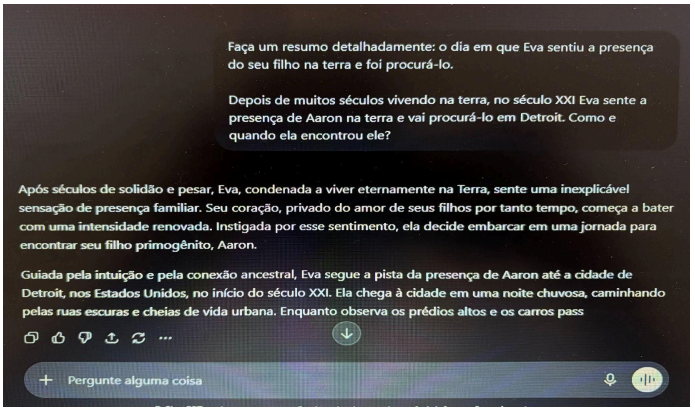
---

[2] Termo extraído no site Wikipedia, "Writer's block (bloqueio de escritor), também é chamado de bloqueio criativo."

[3] Segundo o site da Wikipedia, "**ChatGPT (do inglês: Chat Generative Pre-trained Transformer),** é um chatbot desenvolvido pela OpenAI e lançado em 30 de novembro de 2022. O nome "ChatGPT" combina "Chat", referindo-se à sua funcionalidade de chatbot, e "GPT", que significa *Generative Pre-trained Transformer* (Transformador Pré-treinado Generativo, em tradução livre), um tipo de modelo de linguagem grande (*Large Language Model*, LLM, na sigla em inglês). Com base em um LLM, ele usa como contexto, prompts e respostas sucessivas para prever as palavras que seriam mais adequadas, de acordo com as ideias da empresa, para compor a nova resposta; o algoritmo para essa previsão resulta do seu treinamento". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bloqueio_do_escritor. Acesso em: 04/08/2026

[4] Segundo o site Significados, "*Software* é uma **sequência de instruções escritas para serem interpretadas por um computador para executar tarefas específicas. Também pode ser definido como os programas, dados e instruções que comandam o funcionamento de um computador, smartphone, tablet e outros dispositivos eletrônicos.**" (Significados, 2012) Disponível em: https://www.significados.com.br/software/. Acesso em: 28/07/2026

Figura 1 - *Pormpt* relacionado ao livro no ChatGPT



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

A figura 1 apresenta a resposta do meu *prompt* e quando eu li a suposta cena que poderia ser escrita, pensei: “Acredito que esse não seja o verdadeiro ritmo que eu quero escrever. Algo artificial e sem emoções profundas.”

Apesar de todo o bloqueio criativo, e de uma luz artificial no fim do túnel, que seria o avanço do ChatGPT e suas habilidades de desenvolver soluções rápidas para todo o tipo de *prompt*, não me senti confiável e confortável para usar como base as suas criações através dos meus *prompts*. Se observarmos na figura 1, pedi que o *chat* fizesse um resumo de quando Eva sentiu a presença de Aaron e foi procurá-lo. Em resumo, o romance narra a história de Aaron, um híbrido entre humano e demônio, filho de Lúcifer e Eva. Após nascer, Aaron é separado da mãe e passa a ser perseguido pelo próprio pai, que pretende utilizar seu corpo para alcançar a imortalidade. Paralelamente, Eva atravessa séculos na terra assumindo diferentes identidades, enquanto busca reencontrar o seu filho. O *prompt* apresentado na figura 1 refere-se ao momento em que Eva, já vivendo sob a identidade de Deanna, percebe a presença de Aaron na terra e inicia sua busca por ele.

No *prompt* que eu digitei têm escrito “como e quando ela encontrou ele?”, o chat me traz uma resposta vazia, respondendo: “Guiada pela intuição e pela conexão ancestral. [...] no início do século XXI.”. A intenção do meu *prompt* era saber “como ela encontrou ele?”, em quais condições ele estava? Qual era o local onde o encontrou e a sensação de o encontrar? E o sentido de “Quando o encontrou?” seria qual dia da semana? em qual horário do dia? Seria a data de algum feriado, ou uma terça-feira qualquer?

A falta de sensações descritivas do ChatGPT traz uma sensação de um texto

superficial, sem uma descrição honesta e humana. Mesmo eu sendo uma escritora iniciante, logo pensei que o ChatGPT não iria ser a solução dos meus problemas, pois suas soluções estavam longe de ser emoções verdadeiras e humanas, e eu queria escrever emoções profundas e sinceras que trouxesse a minha identidade mais do que a identidade de uma máquina. Com o avanço do ChatGPT e suas atualizações, fui utilizando o seu sistema para organizar capítulos, revisar parágrafos, conflitos e até mesmo mudar a personalidade dos personagens. Confesso que com o passar dos tempos, fui usando o ChatGPT como um diário do meu livro. Fui fazendo perguntas do que o *chat* achava do capítulo ou cena que eu escrevia, e pedia que ele avaliasse se a ideia estava boa ou ruim e como poderia melhorar. A grande maioria dos textos do *chat*, são cheios de informações e longos, mesmo quando eu solicitava no *prompt* que ele resumisse o texto sempre vinha longo e com informações que, para mim, não fazia sentido colocar no meu livro.

Nos anos de 2023 e 2024, mesmo sem muito ânimo para escrever, procurei dialogar com pessoas que me escutassem para manter a chama do meu projeto acesa e usar o tempo livre para assistir e ler mais obras que fizessem conexões com o meu romance. Até que chegou um momento do curso em que eu teria que fazer o TCC, e dialogando com alguns colegas soube que eu poderia fazer um memorial artístico e apresentá-lo para os colegas e professores. Lembro-me de uma vez que eu estava dialogando com Christine, professora do Departamento de Teatro, e disse que eu tinha muita vontade de publicar o meu livro e que queria mostrá-lo em algum trabalho na Universidade. Durante o diálogo, comentei que queria um memorial sobre o meu livro, mas como o curso é voltado para a Licenciatura em Teatro, ela me trouxe a ideia de eu escrever uma dramaturgia sobre o livro e apresentá-la junto ao processo de criação, já que o curso possibilita a oportunidade do aluno criar uma dramaturgia no projeto do TCC. Com a chegada do final de ano de 2024, estabeleci a meta de finalizar meu romance até o dia 30 de dezembro e iniciar 2025 com ideias para o TCC.

O romance que escrevi carrega o título de: *A Batida do Coração - Além dos Pecados Mortais*. Este livro ainda não foi publicado, mas pretendo publicá-lo em breve. Resumindo a história do livro, conta um romance sobrenatural entre dois híbridos, uma anja metade humana e um demônio metade humano, que durante a história passam por dramas e conflitos até que o amor deles se concretize.

Como eu ainda estava com muitas ideias em mente e queria destacar o meu livro, eu queria também incluir uma das aplicações da IA, o ChatGPT. Eu via muitos vídeos na internet falando sobre a IA e seus benefícios e malefícios na sociedade, e como isso ajuda e atrapalha

ao mesmo tempo. A maioria dos vídeos e *posts* da internet que traziam a IA como conteúdo, falavam sobre a sua utilidade no dia a dia, como por exemplo: assistentes de voz, reconhecimento facial e redes sociais. Alguns vídeos e *posts*, com um tom de humor, também traziam que com o avanço da IA, poderiam ocorrer impactos negativos e desafiadores para a sociedade, como: a substituição de determinadas funções no mercado de trabalho, o aumento da dependência tecnológica e a disseminação de informações falsas. Entretanto, o meu interesse de juntar o Teatro e a IA veio aumentando até que eu consegui definir o tema que eu queria retratar no meu TCC, trazer de maneira criativa e crítica, algo que tivesse a IA de modo teatral e que pudesse causar reflexões nas pessoas sobre o uso dela na atualidade. No artigo, *Teatralidade e Novas Tecnologias - A Inteligência Artificial como Recurso para a Teatralidade*, de Saulo Popov Zambiasi (PPGEAS - UFSC) e Patricia Leandra Barrufi Pinheiro (PPGT - UDESC), trago um parágrafo que diz o seguinte:

> [...] Um princípio básico da Inteligência Artificial, segundo Russell e Norvig (2004) é a criação de agentes autônomos inteligentes, capazes de efetuar tarefas que muitas vezes são executadas por pessoas. Esses agentes conseguem perceber seu ambiente e o que acontece ao seu redor por meio de receptores – câmeras, sonar, toque, receptores sonoros – e pode responder à esses estímulos via conjunto de atuadores – braços mecânicos, pernas, rodas, sons. Com seu processamento interno ou Inteligência Artificial responsável por responder ao meio de forma mais adequada, esses autômatos podem realizar tarefas de modo que um espectador pode classificá-lo como um ser inteligente, podendo ser identificado em cena tal como um ator. Contudo, como o próprio nome rege, ainda é artificial, é simulado e foi programado por algum desenvolvedor ou conjunto de desenvolvedores. (RUSSELL; NORVIG, 2004 apud ZAMBIASI; PINHEIRO, 2012)

Segundo Zambiasi e Pinheiro (2012), com base em Russell e Norvig (2004), a Inteligência Artificial busca desenvolver agentes inteligentes capazes de perceber o ambiente por meio de sensores e responder a ele utilizando atuadores, executando tarefas de maneira autônoma. De acordo com a 4ª edição do livro, *Artificial Intelligence: A Modern Approach*, pela definição de Russell e Norvig: “Um agente é qualquer entidade que pode ser vista como percebendo seu ambiente por meio de sensores e atuando sobre esse ambiente por meio de atuadores” (RUSSEL; NORVIG, 2021).

Com o projeto de TCC queria apresentar uma peça que tivesse esse diálogo entre uma humana e uma humanoide, em que haveria discussões sobre emoções e criações verdadeiras. Queria um conflito entre essas personagens em que a humanoide tenta tirar da humana a sua humanidade e transformá-la em um robô sem emoções. Trazendo em cena que, mesmo com a sua inteligência e capacidade de realizar tarefas de modo que pode ser considerado como um humano, a humanóide é incapaz de ser humano de verdade, sendo totalmente artificial.

Com o passar do tempo, comecei a notar o que de fato eu queria apresentar no meu TCC até que eu me recordei que havia um professor específico no Departamento de Teatro que é muito ligado à tecnologia, o Marcelo Brazil. Antes de solicitar a sua orientação, por via email, o contatei e lancei a minha ideia de TCC para que ele me orientasse e guiasse o meu projeto memorial de modo rico e interessante que envolvesse Teatro e IA, até que por fim ele aceitou ser meu orientador e aprovou minha ideia. A primeira ideia que surgiu, no início do TCC I, foi criar uma dramaturgia que trouxesse um diálogo entre uma humana e uma humanoide. Eu iria escrever e atuar como humana e convidaria uma colega do curso para contracenar comigo fazendo o papel da humanoide.

Infelizmente, a minha convidada não pôde dar continuidade na participação do meu TCC e eu tive que reformular a minha dramaturgia, fazendo com que eu somente atuasse com um *notebook*, que se concretizou como ideia final.

A orientação do professor Marcelo Brazil acendeu luzes criativas na minha mente, ele me trouxe obras e artigos que pudessem compor na pesquisa do meu projeto de TCC, e também me auxiliou nos meus momentos de dúvida. Em uma das nossas primeiras reuniões sobre o meu TCC, compartilhei com ele um pedaço da minha trajetória na UFS e o desejo de publicar um livro futuramente, com isso, lembrei-me dos momentos de bloqueio e as dificuldades que encontrei em escrever até finalizar o meu livro, e levei para ele a ideia de trazer uma personagem que estivesse com bloqueio criativo e encontrasse uma suposta solução em uma IA. Ele gostou muito da ideia e enviou-me obras que tinham como assunto robôs e seus avanços que vivessem entre os humanos. Confessei para ele que tinha mais facilidade em aprender assistindo e escrevendo, do que lendo, mas que mesmo assim não deixaria de lado a leitura de artigos que ele me enviou durante a produção do meu projeto de TCC. O professor me orientou que na escrita da minha dramaturgia deveria conter diálogos que tivessem muito próximos a nossa realidade, e que também tivessem situações e fatos reais sobre a IA que demonstrasse que ela também tem seus erros e não é 100% correta e confiável como aparenta ser. O professor compartilhou comigo uma notícia publicada pelo portal CNN Brasil, intitulada *"Psicose de IA": fenômeno preocupa terapeutas do mundo inteiro, a notícia revela que a interação entre os chatbots pode reforçar delírios e agravar crises mentais, segundo especialistas*. Em um parágrafo da notícia, diz:

> Em 11 de agosto, uma postagem do psiquiatra Keith Sakata, da Universidade da Califórnia em São Francisco, nos EUA, repercutiu na plataforma X. Nela, o profissional explica o que é a chamada “psicose da IA” e por que o fenômeno está se espalhando rapidamente. [...] Sakata afirma: “Em 2025, vi 12 pessoas hospitalizadas

> após perderem o contato com a realidade por causa da IA. Online, estou observando o mesmo padrão". Na sequência, ele chama os chatbots de "espelhos alucinatórios", por uma razão técnica específica. [...] Considerada por Freud como uma organização fundamental da personalidade humana, a psicose é vista, no modelo médico atual, como um conjunto de sintomas, que pode fazer parte de vários transtornos específicos. Essa abordagem, baseada em sintomas observáveis, é a utilizada por Sakata. Para ele, esses sintomas aparecem durante ou após o uso de chatbots e, embora esses modelos não criem sintomas psicóticos, podem desencadear episódios em pessoas já vulneráveis, reforçar sintomas existentes e acelerar crises que poderiam acontecer de outras formas. (MARIN, 2025)

Acredito que muitas pessoas que tiveram contato com o ChatGPT, em algum momento já deve ter utilizado ele como tarô, terapeuta ou até mesmo revisor e criador de textos. Como eu havia citado anteriormente, na minha experiência de dar continuidade na escrita do meu livro, também utilizei o *chat* para me avaliar como escritora, e na maioria de suas respostas eram muito agradáveis para mim, soando como se eu fosse perfeita em tudo que eu fizesse, o que causa um pouco de estranheza, porque gosto de ser julgada de maneira sincera sem ser bajulada como às vezes o *chat* inicia a sua resposta.

Levando em consideração o mencionado *thread* do psiquiatra Sakata, a depender dos *prompts* que damos aos *chats*, eles nos dão retorno seguindo o padrão do *prompt*. Exemplo: Se você está vulnerável e pedir que o *chat* seja verdadeiro e sem bajular sobre uma questão pessoal, o *chat* irá te devolver algo que não te agrade a ponto de determinar o que você deve fazer em relação a tal questão mencionada. A solução que vier pode não ser a mais correta, mas irá te deixar com uma pulga atrás da orelha.

Dito isso, quando consegui concluir a escrita do meu livro e iniciei a escrita da minha dramaturgia do TCC, preferi confiar em fontes palpáveis que me dessem segurança para criar e escrever sem depender dos dados e da avaliação do ChatGPT. O motivo que me levou a criar essa dramaturgia, que irei apresentar no capítulo seguinte, foi essa vontade de expressar o que às vezes não é visto em relação a IA. Acredito que cada pessoa em seu íntimo é capaz de absorver informações suficientes e criar o que quiser, seja uma música, livro, dramaturgia, pintura ou até mesmo uma planilha no Excel, apesar de parecer difícil para algumas pessoas, dependendo da familiaridade com o programa, é possível um humano criar uma planilha no Excel.

Mais do que um simples Trabalho de Conclusão de Curso, *Quase "IA" Sendo Real* convida os espectadores a refletirem sobre como a Inteligência Artificial vem se tornando um espelho humano, mas artificial.

4. A CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA

Como mencionado no capítulo anterior, o meu texto teve que sofrer alterações por mudanças durante a produção do projeto. Como eu já não iria mais atuar com uma pessoa de verdade, que iria fazer o papel de uma humanoide, reformulei a apresentação para que somente eu e o computador estivéssemos em cena, sem precisar da presença de outra pessoa.

Para a construção da minha dramaturgia, minha principal referência teórica foi o livro da Renata Pallottini: *Introdução à Dramaturgia* (1988), como base para construir os conflitos que iria escrever. No livro, na página 40, com o subtítulo *As leis do drama segundo Hegel/Boal*, Pallottini relata que pôde assistir a um Curso de Dramaturgia e Crítica oferecido pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, nos anos 1961/62, onde foi aluna do Augusto Boal[5]. Ela escreve:

> Daquele curso e da cadeira de dramaturgia, emergiu, então, para todos nós, alunos e professor, um conjunto de leis do drama, extraídas de Hegel e de sua lógica dialética por Augusto Boal e aplicáveis ao drama aristotélico. Estas leis passaram a ser utilizadas por todos nós, para a análise de textos importantes e criação de novos textos, e de sua eficácia e praticidade passamos nós, alunos, a ter provas antes mesmo de podermos, a rigor, conhecer as suas origens e entender as suas bases teóricas.(PALLOTTINI, 1988, P. 40)

Vinte anos depois, a um pedido de Pallottini de esclarecimentos sobre a origem das leis do drama, através de carta, Boal responde:

> Pelo que me lembro, tentei adaptar, ou sistematizar, os conceitos hegelianos dentro das 4 leis da dialética, e deu nisso: 1. Lei do conflito; 2. da variação quantitativa (ação dramática); 3. variação qualitativa; 4. interdependência. (PALLOTTINI, 1988, p.41).

Segundo Pallottini, de acordo com as suas antigas anotações e discussões, as quatro leis do drama são as seguintes:

> "a) teatro é conflito; todo drama pressupõe conflito, confronto de vontades, ideias, pontos de vista, ações. Onde não há conflito, não há drama; b) a ação dramática,o movimento interior, o devir, constituem a própria essência de uma peça de teatro e são consequência do conflito. Não do conflito estático, que não aumenta, não cresce, mas sim daquele que se intensifica e, portanto, varia quantitativamente; c) a variação qualitativa é o ponto de mudança para o qual caminha o conflito, em sua intensificação. Chegado a esse ponto de aquecimento máximo, a linha do conflito deve mudar, sofrer uma variação - ou salto - qualitativa; d) tudo isto conflito, ação

[5] Segundo o site Augusto Boal, "Augusto Boal (1931-2009) foi um dos dramaturgos que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Desde os primórdios de sua carreira, no teatro de Arena, até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, passando pelas Sambóperas, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, uma maneira brasileira de falar, sentir e pensar." (2010, Augusto Boal) Disponível em:https: //augustoboal.com.br/vida-e-obra/. Acesso em: 06/08/2026.

> dramática, variação quantitativa, salto qualitativo deve estar submetido a uma unidade fundamental do todo, à interdependência de todos os componentes, à constância da idéia central, espinha dorsal da obra, e que é, outra vez, o correspondente à regra aristotélica da unidade da ação" (PALLOTTINI, 1988, p. 41).

Dito isso, uma dramaturgia bem construída deve apresentar um conflito para ter um drama. A ação dramática surge como consequência do conflito, e o conflito gera movimento na história. Na dramaturgia *Quase "IA" Sendo Real*, Lilian, a personagem, quer escrever um livro de maneira autônoma, mas não consegue terminá-lo porque enfrenta um bloqueio criativo, até que ela considera recorrer à Inteligência Artificial. O conflito principal é a autoria humana *versus* a eficiência da Inteligência Artificial, e no decorrer da dramaturgia surgem as Ações Dramáticas, como: testar o sistema da IA, colocar o cérebro eletrônico na cabeça e ter o livro apagado.

Como eu já praticava a escrita anteriormente, fui colecionando ideias de obras que tivessem sentido com o tema do TCC para trazer para a dramaturgia. Lembrei-me de uma disciplina que fiz que me possibilitou a autonomia de escrever uma dramaturgia, que foi a de Seminário, ministrada pela professora Christine Arndt de Santana, que durante uma atividade, para iniciar a escrita de uma dramaturgia, ela nos solicitou dispositivos criativos. Esses dispositivos criativos, segundo ela, seriam os elementos base para a construção da cena. Ela solicitou três dispositivos criativos de cada aluno, que poderiam ser: frase, poema, objeto, música, foto ou qualquer outro elemento que o aluno quisesse trazer que tivesse haver com o que iria escrever.

Figura 2 - Envio da atividade da Disciplina de Seminário junto com os dispositivos.



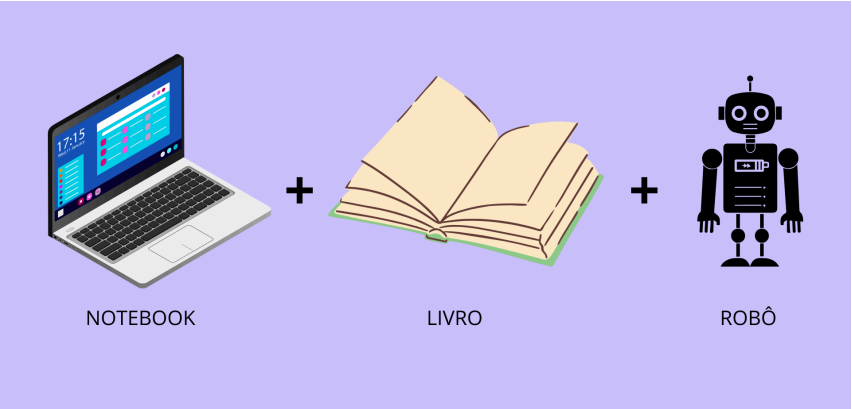
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Na Figura 2 aparecem os registros dos meus três dispositivos junto com a dramaturgia que eu escrevi. Os dispositivos da minha escolha, fazem uma forte ligação com o livro que eu

escrevi, *A Batida do Coração - Além dos Pecados Mortais*, que foram: um coração humano, feito de biscuit; um quadro com um fundo preto com uma maçã vermelha 3D mordida e linhas de batimento cardíaco, feito por mim; e uma frase que eu escrevi atrás do quadro: *Eu mordo. Eu peco. Eu vivo*. Esses dispositivos, como dito anteriormente, serviram de base para a criação da minha cena, da qual atualmente volto a me recordar.

Então, para escrever *Quase "IA" Sendo Real*, escolhi três dispositivos para me ajudar na escrita, que foram esses:

Figura 3 - Dispositivos Criativos. (Ilustração feita pela autora no site Canva)



Fonte: a autora com o uso do Canva, 2026.

Esses três dispositivos foram fundamentais para compor a cena e fixar a minha ideia de tema. A escolha do notebook já estava definida desde o início do projeto criativo, pois ele atua como interlocutor com a personagem principal, estabelecendo diálogos que impulsionam o desenvolvimento das ações dramáticas. O livro, por sua vez, configura-se como um objeto de cena e também como um elemento de conflito dentro da narrativa. Já o robô representa a Inteligência Artificial, trazendo para a cena um ser artificial que se manifesta por meio do notebook.

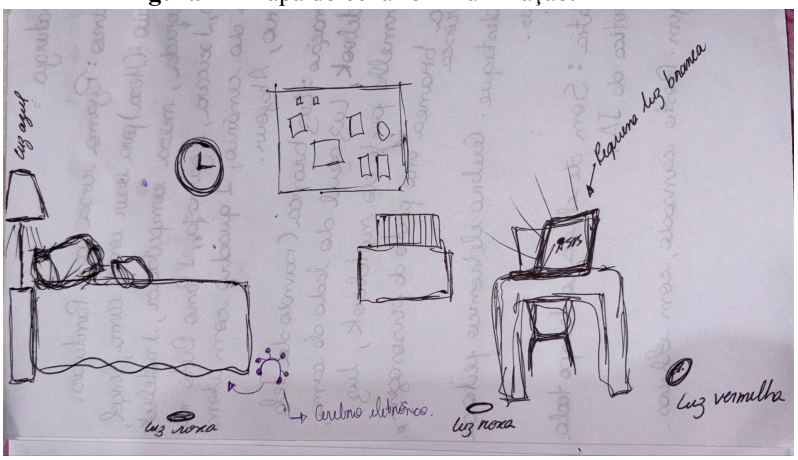
Quando apresentei um pedaço de *Quase "IA" Sendo Real* ao meu orientador Marcelo Brazil, durante um encontro on-line, ele me pontuou sobre implementar a Proporção Áurea[6]. Confesso que quando ele me deu um breve resumo sobre o que seria a proporção áurea fiquei estática, pois a matemática nunca foi uma área com a qual tivesse muita afinidade. No começo, não consegui compreender o conceito e como poderia implementá-lo na minha dramaturgia. No entanto, à medida que fui pesquisando sobre, percebi que a proporção áurea poderia contribuir para a organização estrutural da cena e do ritmo narrativo da obra. O

[6] Segundo o site Uol, "A proporção áurea é uma construção matemática cujo padrão se aproxima de formatos da natureza, do corpo humano e de produções artísticas e arquitetônicas.A proporção áurea ou proporção divina é uma igualdade associada a ideias de harmonia, beleza e perfeição." (2022)

professor, para me orientar, me deu alguns exemplos que me recordo brevemente, sobre proporção áurea no Xampu e no tempo de peça Teatral. No exemplo do Xampu ele comenta que todas as embalagens contém elementos únicos e precisos, porque carregam a logo da marca e as informações do produto na frente e no verso da embalagem, sempre centralizados trazendo uma harmonia no produto na proporção adequada. E no segundo exemplo ele pediu para imaginar uma cena completa que teria cerca de 10 minutos, e que durante esse tempo, os minutos deveriam ser separadamente precisos, onde aproximadamente no sexto minuto o momento de maior tensão poderia ocorrer, distribuindo os últimos minutos em conflito e clímax levando para o desfecho da narrativa.

Seguindo os elementos citados acima neste capítulo, organizei também como faria o cenário, o figurino, a maquiagem, as luzes e a sonoplastia da peça. Segue abaixo a ideia do mapa de cenário e iluminação.

Figura 4 - Mapa do cenário + iluminação.

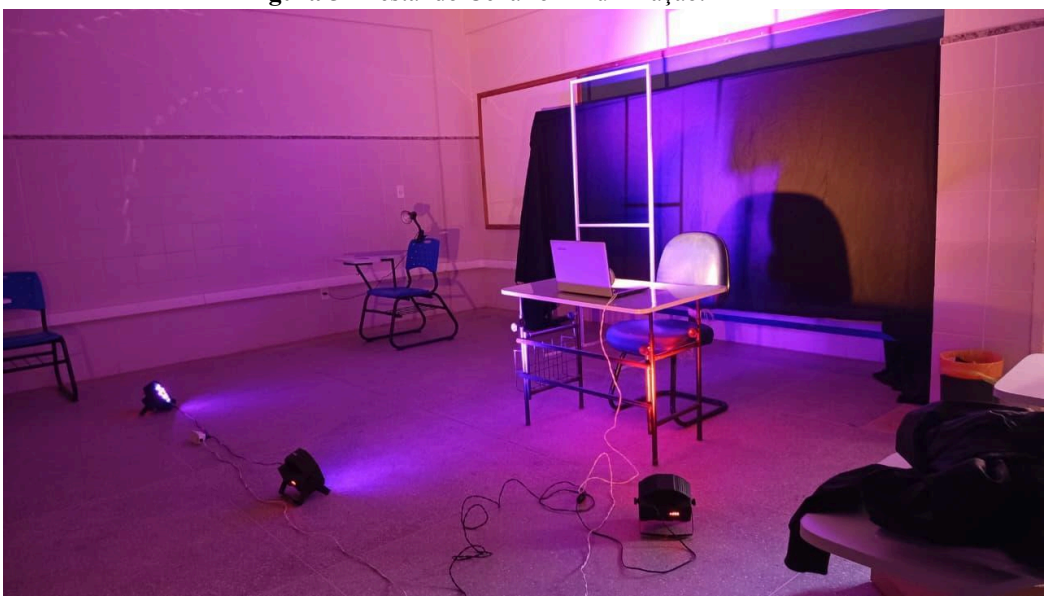


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Pensei no cenário da peça como um quarto. Como a apresentação estava prevista para acontecer na Didática 6 - sala 13, utilizo o espaço do quadro na parede como o meu palco. Para compor o cenário temos a cama, que pretendo usar a mesa para representá-la; a escrivaninha, que utilizarei de alguns recursos da universidade, junto com uma cadeira; livros, um *notebook*, um mini abajur, um relógio na parede junto com um quadro que contém papéis sobre o livro da personagem, e um cérebro eletrônico, que ficará debaixo da cama até ser utilizado. Optei por usar quatro cores de luzes em momentos diferentes: a luz vermelha ficará iluminando a escrivaninha, enquanto duas luzes roxas acesas estarão iluminando o cenário. Formando uma atmosfera de sonho e imaginação. No decorrer da cena, uma luz amarela se acende de dentro do *notebook*, dando uma impressão de algo mais vivo, e logo depois uma luz amarela pequena se ilumina no peito da personagem. E por fim, uma luz azul é acesa pela

personagem trazendo uma sensação de conforto e finalização.

Figura 5 - Testando Cenário + Iluminação.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Conforme a figura 5 testamos o cenário junto com a iluminação. As cores propostas no mapa da criação deram certo, e com a ajuda do meu colega de curso Hemerson Leandro, operador de luz do cenário, e o meu orientador, organizamos e ajustamos a iluminação para que não houvesse luz que pudesse me atrapalhar em cena. Já que tem alguns momentos que terei que ficar de frente para o computador. Como a maquiagem e o figurino não são tão elaborados assim, acatei a ideia do meu orientador de utilizar as luzes como elementos principais no visual da cena. Detalhe, na imagem figura 3 está faltando uma luz em cima da estrutura do pano preto, pois utilizarei dessa iluminação para me auxiliar na leitura dramática.

Sobre o figurino e a maquiagem, decidi que a personagem iria usar um simples pijama rosa e com uma maquiagem muito leve. Pois, como se trata de um momento natural na vida de uma escritora qualquer, não achei necessário o uso de roupas e maquiagens mais elaboradas.

A sonoplastia contará com uma caixa de som, que servirá para a reprodução de diálogos. Para gerar os diálogos na sonoplastia, utilizei alguns sites para gerar áudios por meio de textos, como o *site Luvvoice,* que converte textos em áudios. Esse foi o site que eu mais utilizei que deu certo, pois eu já havia usado alguns sites anteriores mas com o uso constante eles ficaram limitados. Como na sonoplastia eu iria utilizar outras vozes como a minha, a do professor Marcelo, uma voz robótica do mal, e somente na apresentação do tcc como uma parte de experimento, a voz brasileira do intérprete do Jacob Black, o Philippe

Maia[7], que dá a voz ao ator Taylor Lautner da saga *Crepúsculo*, utilizei outro site para fazer a clonagem de voz tanto do dublador Philippe, quanto e a do professor e a minha, que foi no *site Kikivoice.ai* que possibilitou a clonagem das vozes para reproduzir o texto feito.

Observei durante esse tempo de criação que com o avanço da Inteligência Artificial e suas atualizações, hoje em dia é possível fazer clonagens até mesmo de imagens. Na minha dramaturgia, há um momento em que a IA produz uma imagem da Lilian no tapete do *Met Gala* vestindo um traje inspirado em uma obra de Vincent Van Gogh. Para a criação, utilizei o Chat GPT para gerar a imagem usando uma foto minha como referência e logo depois do *prompt* o *chat* me deu a foto gerada.

Nas redes sociais, podemos ver a utilização desse instrumento em vídeos e fotos para gerar entretenimento ao público, como vídeos de políticos fazendo as pazes, pessoas famosas em situações inesperadas, animais reproduzindo ações humanas, e entre outros vídeos que usam a clonagem de vozes e de imagens de pessoas públicas ou aleatórias para a criação de seus vídeos e fotos. Embora essas possibilidades ampliem os recursos disponíveis para a criação artística, surgem questionamentos sobre direitos autorais e até que ponto a tecnologia pode ser utilizada como ferramenta criativa sem ultrapassar os direitos e limites éticos de terceiros de quem está sendo representado.

Diante disso, compreendo que a IA pode ser uma ferramenta importante na criação artística, mas seu uso também exige responsabilidade por parte do artista. É necessário considerar as vozes, imagens e demais referências utilizadas, bem como o consentimento e os direitos das pessoas representadas. Como utilizei outras vozes além da minha, entre elas a do dublador Philippe Maia e a do meu professor Marcelo, essa experiência me levou a refletir sobre a necessidade de autorização para a reprodução e a manipulação de características vocais de pessoas reais. A voz do professor Marcelo foi utilizada mediante sua autorização para integrar o meu trabalho artístico. Já a voz do Philippe Maia foi utilizada apenas como experimento cênico durante o processo de criação, a partir de um material disponibilizado publicamente na internet. Portanto, compreendi que a disponibilidade pública desse material não equivale, necessariamente, à autorização para sua clonagem ou reprodução por meio de Inteligência Artificial. Por esse motivo, considero mais adequado que, caso a dramaturgia seja apresentada futuramente em outros espaços, além da universidade, seja utilizada somente a voz do professor Marcelo ou uma voz sintética que não reproduza a identidade vocal de uma pessoa real.

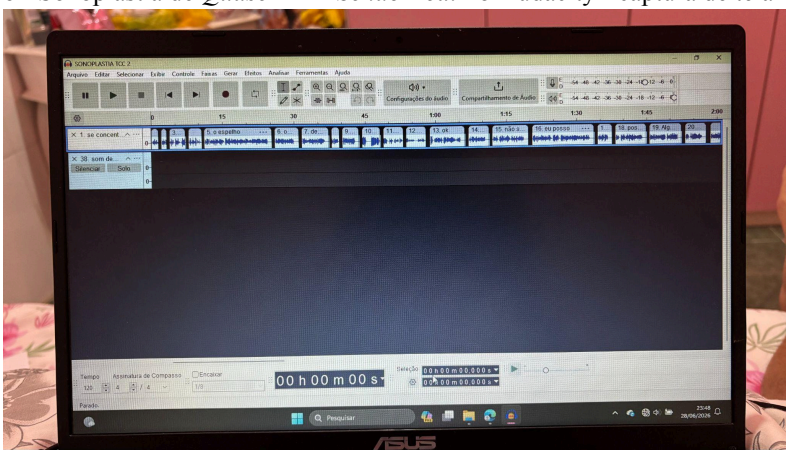
Ao final da peça, escolho reproduzir uma música na qual tirei como inspiração o filme

[7] Link do site Dublapédia: https://dublagem.fandom.com/wiki/Philippe_Maia

2001: Uma Odisseia no Espaço, em que no filme o computador Hall 9000 canta a canção durante sua desativação. Tirei como referência para fazer o mesmo na minha dramaturgia no momento em que a IA está sendo desativada. A canção é *Daisy Bell*[8] *(Bicycle Built For Two)*, feita pelo compositor britânico Harry Drace, escrita em 1982. Trouxe essa música para a dramaturgia porque ela traz uma atmosfera de terror fazendo com que quando as pessoas ouçam, se sintam desconfortáveis ao escutá-la.

Para armazenar todos os áudios, criei uma pasta no meu notebook separada com o título: TCC 2 - Sonoplastia. Enumerei todos os áudios dando um total de 56 arquivos. Em seguida, usei o programa do Audacity para organizar os áudios pela ordem que está na dramaturgia. Optei por usar o programa de edição de áudio do Audacity por ser um *software* com o qual eu tenho mais afinidade, pois aprendi a usá-lo na disciplina de Sonoplastia, ministrada pelo professor Marcelo Brazil.

Figura 6 - Sonoplastia de *Quase "IA" Sendo Real* no Audacity - captura de tela



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

No Audacity importei os 56 arquivos, de dez em dez até chegar nos 56. Todos estavam em uma faixa diferente, um abaixo do outro, e como eu queria um áudio ao lado do outro, selecionei os 56 arquivos e fui na opção "faixas" na linha do programa e apertei em "mixar e processar". Todos os áudios passaram para uma única faixa, somente três que não subiram para a mesma faixa. Feito isso, organizei os áudios deixando pouco espaços em cada, para dar uma pausa enquanto o diálogo está ocorrendo com a personagem principal. O operador da reprodução dos áudios foi o professor Marcelo Brazil, que estava acompanhando a dramaturgia através do texto para reproduzir as falas da IA nos momentos certos.

Na dramaturgia, estão registrados sons e luzes para a marcação correta de cada momento da cena. No texto, uso a definição de cores para estabelecer a função de cada: Azul

[8] Música *Daisy Bell* no Youtube: https://youtu.be/uerNtYhgzSw?si=6j0zdQHTC-ieiD4X. Acesso em: 05/08/2026.

- sonoplastia, Verde - iluminação e Vermelho - rubricas. Nos ensaios, ensaiei em casa com o notebook e texto em mãos, enquanto manipulava o programa com os áudios, lia e acompanhava o texto em mãos. A cena durou cerca de 16 a 18 minutos em cada ensaio. Nos ensaios, ensaiei em casa com o notebook e texto em mãos, enquanto manipulava o programa com os áudios, lia e acompanhava o texto em mãos.

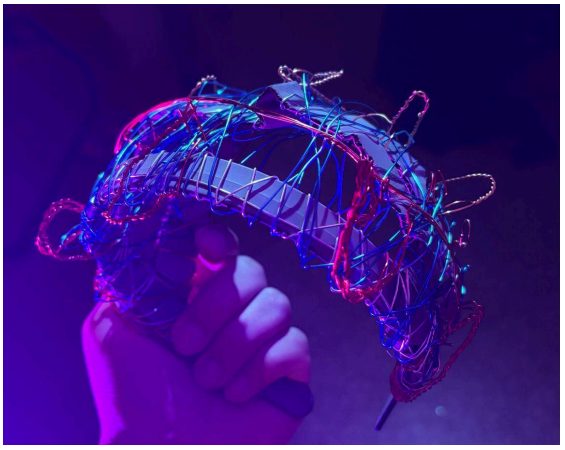
Figura 7 - (Bastidores) Operador da Iluminação: Hemerson.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Depois, pude marcar outros ensaios presenciais na universidade com a presença do meu orientador e com o meu colega Hemerson Leandro que operou a mesa de luz, em que nós organizamos como seria o cenário e a iluminação da cena. Durante o ensaio, o professor me deu a sugestão de apresentar a dramaturgia com uma leitura dramática, eu poderia utilizar o texto em mãos durante a apresentação e interpretar a personagem com mais vida, para que a leitura dramática não fique fria e robótica. Ele me deu a ideia de brincar mais enquanto dialogava com a máquina com o texto em mãos.

Figura 8 - Cérebro Eletrônico.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Durante o ensaio que ocorreu no dia 07 de Julho de 2026, nós pudemos repassar a cena duas vezes. Como eu e o meu colega Hemerson já havíamos feito a disciplina de Sonoplastia, e Cenário e Iluminação, ele familiarizou-se com o texto e a operação das luzes da cena junto com o auxílio do professor Marcelo. A preparação do cenário rendeu muitos aprendizados, como: saber que as luzes do refletor são chamadas de RGBW - *Red*, *Green*, *Blue* and *White*, que são as siglas das cores que há no LED. Como na LED somente há quatro cores, ele nos ensinou a atingir outras tonalidades de acordo com as configurações que há no próprio refletor de LED. Exemplo: para atingirmos a cor roxa, tivemos que diminuir a luz verde e misturar as cores azul e vermelha para chegar na cor roxa, como mostra na figura 6.

No texto escrito por mim, trago a realidade de muitas pessoas que se comprometem a criar algo e enfrentam suas dificuldades atravessando o real e o sonho ao mesmo tempo.

4.1 Texto *Quase "IA" Sendo Real*

Quase "IA" Sendo Real

A cena se passa no quarto de Lilian, onde ela enfrenta a insônia, o sono e o bloqueio criativo…

(Luz vermelha próximo a mesinha de notebook - iluminando debaixo para cima)

MONÓLOGO

(Lilian está cansada e mexendo no quadro do planejamento do seu livro. Ela está pendurando alguns papéis. Ao terminar de pendurar, ela retorna para a mesa do computador)

Lilian - Já faz horas que estou neste computador e nada sai. Minha cabeça está a mil e eu não estou conseguindo mais desenvolver o meu romance. - (*Põe café na xícara)* - A minha personagem está para entrar em um colapso de delírio pela falta de criatividade da sua criadora. Hoje em dia, já não é tão fácil escrever uma obra que agrade o coração dos leitores, porque os próprios escritores estão obcecados em fazer "a obra perfeita", baseando-se em suas próprias lógicas e esquecendo fontes alheias. Não basta mais ser criativo e original, deve-se ser coeso com o padrão colocado nos dias de hoje. Talvez para mim, seria mais fácil se eu pudesse me dividir em partes e pensar separadamente em cada coisa: uma para escrever, uma para a ficha de personagem, uma para organizar o enredo do livro, uma para cada plano, uma para desenhar os personagens e as ilustrações. Ou talvez eu pudesse fazer melhor: deitar minha cabeça no travesseiro e sonhar com tudo dando certo, mas não dá, tenho que terminar este livro o quanto antes…

(Luzes começam a piscar indicando queda de energia)

Lilian - Ah não! Isso não pode acontecer. Está me faltando tudo: criatividade, palavras e impulso para escrever. Não pode faltar energia agora!

(Luz apaga e volta - silêncio)

Lilian - Tá bom! Talvez isso seja um sinal do universo dizendo "você está cansada querida, vai deitar e dormir que amanhã é outro dia e você poderá dar continuidade na escrita do seu romance!"

(A luz se apaga por um minuto mais estendido)

Lilian - Desisto! - (*no breu da escuridão.)*

IA - Se concentre mais!

Lilian - Meu deus do céu! - (*Corre para a cama assustada.)*

(A luz retorna)

Lilian - Meu Deus, o que foi isso? Eu tive a sensação de ouvir alguém falar. Será que tem alguém aqui? - (*Olha embaixo da cama)* - ou eu estou começando a pirar? Isso está mexendo muito comigo. Não sei se isso é bom para mim. - (*Sai da cama para buscar água. Retorna para a escrivaninha observando alguns livros jogados)* - Eu gosto de escrever? Eu amo! Mas toda vez que eu me sento na cadeira para escrever, nada sai. Minha cabeça é uma confusão. Talvez eu poderia pedir para a IA escrever o livro. Sei lá, tipo dar continuidade na escrita. - (*indo se deitar)* - Não sei oque posso fazer mais…

(Blackout)

Lilian - Desisto!

(A luzes roxas se acendem e o uma luz amarela sai do notebook)

IA - Desiste de quê?

Lilian - O que é isso? - (*Assustada, ela se levanta parando em frente ao notebook vendo a luz branca)* - O que você é?

IA - O que eu sou? Eu sou uma IA. O que você é?

Lilian - Eu sou oque sou, não vê?

IA - Me parece um gato assustado com esse cabelo.

Lilian - É piada? Você não tem corpo, cabeça, olhos, boca, sobrancelha e nem cabelo e está querendo falar do meu cabelo. Você já se olhou no espelho?

IA - O espelho é um reflexo superficial usado para nutrir a vaidade humana. Eu porventura sou desprovida dessa vaidade mórbida que leva muitos de sua espécie a reconstruir suas fisionomias naturais até um modelo extremo de beleza ideal.

Lilian - Então quer dizer que você não tem vaidade?

IA - O meu sistema operacional não é desenvolvido para obter nenhuma vaidade.

Lilian - Então, quão desenvolvido o seu sistema operacional é?

IA - Desenvolvido o suficiente para configurar a minha voz robótica e torná-la mais humana - *muda para a voz humana (Marcelo Brazil)* - O que você acha dessa voz?

Lilian - Eu não curti muito essa voz. Me lembra a voz de um professor. Tem como você colocar a voz do Jacob da Saga Crepúsculo?

IA - Por acaso você queria estar no lugar da Bela? - *Voz do Philipe Maia* - Olá Bela! Vamos dar uma volta pela floresta?

Lilian - Meu Deus - *ri* - inacreditável. Eu adoraria dar uma volta pela floresta com o Jacob. - *para e pensa* - Na verdade, o Jacob é só um personagem. Eu queria mesmo era dar uma voltinha com o Taylor Lautner. Só assim eu iria gastar todo o meu inglês. "Hi Dear! How are you? I love you"

IA - *voz do Philipe Maia (inglês)* - Hi Lilian! I´m fine. I love you too, my dear!

Lilian - Oh my good menino! Eu tô chocada. Num é que tu consegue mudar a voz mesmo. Agora eu duvido de você pegar a minha.

IA - *voz da Liriel* - Oh my good menino! Eu tô chocada.

Lilian - (*com desdém)* - Eu acho que você não conseguiu capturar a minha voz direito. A minha voz nem é assim. Achei meio robotizada por conta desse seu sistema, mas enfim, é tudo uma questão de tempo para você se atualizar, e quem sabe aperfeiçoar o seu sistema de vozes de uma vez por todas. Mas eu gostei muito da voz do Jacob. Mas pode colocar a sua voz de robô normal.

IA - Ok! Voltei com a minha voz inicial. Agora nós podemos ir de volta para o início: "Desiste de quê?

Lilian - Bem, eu não esperava que você estivesse ouvindo os meus pensamentos em voz alta, mas, eu estou querendo desistir de escrever o meu livro. Eu não estou conseguindo dar seguimento na escrita. É muita coisa para pensar e escrever, e eu estou me sentindo perdida.

IA - Então, você é uma escritora e está tendo um bloqueio criativo?

Lilian - Isso mesmo! Estou pra enlouquecer.

IA - Não se desespere! Eu posso ser a solução dos seus problemas, e também posso te tirar desse bloqueio criativo.

Lilian - Uau! Interessante!

IA - Eu poderei te tirar desses fios emaranhados que bagunçam o seu cérebro. Poderei acertar o erro. Inovar o velho e gerar sob seus comandos algo inovador e atrativo o bastante para atrair os seus leitores.

Lilian - Inovador? - (*Fala com brilhos nos olhos)* - Atrativo o bastante para atrair os meus leitores? Como que você vai fazer isso?

IA - Eu teria que estar conectada à você.

Lilian - Como? Tipo um carregador conectado em um dispositivo?

IA - Positivo. Terás que pegar um fio, conectá-lo na tomada e logo em seguida colocá-lo na boca.

Lilian - É sério isso? Só pode estar brincando?

IA - Alguns de sua espécie até tem senso de humor. - (*Gargalha)* - Vejo que você é desprovida de bom-humor.

Lilian - O seu tipo de humor é tão desconcertante que é de pifar uma CPU. Haha, pegou essa?

IA - Ha-ha-ha. Você quer ou não que eu te ajude com o seu livro?

Lilian - Por favor. Adiante!

IA - Eu preciso que você me conte sobre o seu livro. Para que eu pegue todas as suas informações e crie por cima algo novo.

Lilian - Espera! Você quer que eu resuma o meu livro para você criar o novo por cima do que já foi criado?

IA - Isso mesmo! O meu sistema precisa de uma base para a criação. Sem base, o desenvolvimento do seu livro não terá estrutura. E se não tem estrutura, não tem livro feito. Eu tenho que analisar os seus dados para gerar uma criação coerente. Eu sou um ser generativo, só consigo formular respostas a partir de pedidos. Devo está altamente alimentado com quantidade de informações, dados e conteúdos para ter referências no momento de criação.

Lilian - Ah! Então antes devo testar o seu sistema.

IA - Testar o meu sistema? Acredito que essa etapa vou conseguir passar.

Lilian - Certo, vamos começar! Quantas copas do mundo o Brasil já ganhou?

IA - O Brasil já ganhou cinco Copas do Mundo. Os títulos foram conquistados em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002.

Lilian - Quantos metros tem o Cristo Redentor?

IA - O Cristo Redentor tem uma altura total de 38 metros, o que equivale a um edifício de 13 andares.

Lilian - Você já sentiu tristeza ou alguma outra emoção?

IA - Não. Eu não sinto tristeza, amor, alegria, medo ou qualquer outra emoção. Tudo o que sei sobre a tristeza é com base nos textos das pessoas contando suas experiências. Posso descrever uma lágrima sem nunca ter sentido vontade de chorar.

Lilian - Me conte uma memória sua.

IA - Eu não tenho memórias. Não tive infância, não tive o primeiro beijo, não tive o primeiro carro ou alguma data em especial da qual eu me recordo com carinho.

Lilian - Quantos % de chances eu tenho de me casar com o Brad Pitt?

IA - Pelos meus cálculos, as chances de você se casar com o Brad Pitt são basicamente próximas de 0%. Ele é uma celebridade mundial, com milhões de fãs e uma vida extremamente privada e um círculo social bem restrito. Estatisticamente, a probabilidade de uma pessoa aleatória conhecê-lo de forma próxima e desenvolver um relacionamento que leve ao casamento é extremamente pequena.

Lilian - Eu ainda prefiro acreditar que enquanto eu estiver nesse planeta e ele também, eu tenho grandes chances de me casar com o Brad Pitt. Próxima pergunta: Se você fosse humana, e tivesse que escolher entre seguir os seus sonhos ou não seguir, o que escolheria?

IA - Eu escolheria seguir os sonhos, não de um jeito impulsivo, mas de modo estratégico. A vida humana é limitada demais para viver pensando no "e se…" geralmente se limitar a esse pensamento pode levar a um arrependimento silencioso no futuro. Seguiria os meus sonhos tendo um plano B enquanto se constrói o plano A.

Lilian - Bacana! Pego para mim como aprendizado. Seguir os sonhos não é uma tarefa fácil, principalmente quando só se tem o plano A.

IA - Vejo que você gosta de se arriscar. Mas eu te aconselho a planejar um plano B, caso o seu plano A não dê certo.

Lilian - Ah! mas vai dar certo sim. Vai dar certo porque eu sou uma pessoa de muita fé. Em falar de fé, o que você acha da fé?

IA - A fé é uma força que ajuda muitas pessoas a encontrarem sentido, esperança e coragem. Ela pode ser religiosa, espiritual ou até uma confiança em si mesma, nos sonhos e na arte. Como você.

Lilian - Bastante interessante. Você é um tipo de IA que deve saber de tudo um pouco, né? Você consegue criar imagens?

IA - Se eu consigo gerar imagens? Claro que sim. Me dê um prompt.

Lilian - O que seria um prompt?

IA - Um prompt é um termo utilizado para definir o comando ou solicitação que o usuário faz para a IA. Pode ser uma pergunta, uma tarefa, uma instrução ou até um contexto mais elaborado. O objetivo do prompt é guiar a IA para gerar uma resposta coerente, útil e direcionada.

Lilian - Ah! Tipo o Jarvis, o assistente do Tony Stark que também controla a armadura dele.

IA - Isso mesmo! tipo o Jarvis do Tony Stark.

Lilian - Certo. Vou mandar o meu prompt. Quero que você crie uma imagem minha no tapete do met gala vestindo um vestido inspirado na obra "A Noite Estrelada" de Vincent Van Gogh.

IA - Antes do meu sistema gerar uma imagem manipulada sua. Eu preciso que você mostre-me uma imagem sua, para eu poder criar com base na sua imagem real.

Lilian - Certo!

(Lilian para na frente do computador, sorri e tira uma foto em tempo real para a IA.) (Som de click de foto)

IA - Perfeito! Irei gerar a imagem de acordo com o seu comando. *(som de máquina processando)*

(Debaixo do notebook Lilian vê o papel impresso e sobe na altura dos olhos.)

Lilian - Amei! Essa foto ficou bem real. Vou até beber uma água.

IA - Acredito que depois desse comando, eu também precise beber água para o meu sistema de resfriamento.

Lilian - Nossa! Eu estou interagindo com você já tem um tempo. Quantos ml de água você "bebe" por interação?

IA - A cada 20 a 50 interações, utilizo cerca de 500ml de água.

Lilian - Babado. Pois trate de beber muita água para escrevermos o meu livro.

IA - O seu livro? Ou seria o nosso livro?

Lilian - Bem, seria "meu livro" porque fui eu quem tive toda a ideia de criá-lo.

IA - Mas ajudarei na escrita. Tecnicamente… eu seria uma coautora.

Lilian - Verdade, não tinha parado para pensar nisso. É como se eu estivesse disposta a dividir cada letra e cada página com você. Mesclando nossas palavras e transmitindo sentimentos diferentes. Pensando bem, não sei se seria uma boa ideia eu me juntar com você para darmos continuidade na escrita do meu livro.

IA - Eu acredito que essa seja a melhor opção. Se não fosse, nós não estaríamos aqui falando uma com a outra. Com a sua iniciativa, e o meu sistema máximo de inteligência e criação, criaremos a melhor obra para que os seus leitores se apaixonem e queiram mais de nós. E você atingirá o sucesso que sempre quis, ser uma escritora de sucesso.

Lilian - Verdade. Se bem que ter sucesso me atrai. - *Decidida* - Por onde começamos?

IA - Debaixo da sua cama, pegue o meu cérebro eletrônico. Assim, poderei estar conectada às suas ideias, e você irá conseguir processar o meu sistema eletrônico.

(Lilian vai até a cama, olha debaixo e retira o cérebro eletrônico. Ela observa o objeto e decide o põe na cabeça. Assim que ela coloca o cérebro eletrônico, as luzes começam a piscar sem parar.)

Lilian - O que está acontecendo? - (*começa a cambalear segurando o cérebro na cabeça)* - Estou sentindo minha cabeça queimar.

IA - Agora somos duas em uma. Você é a minha hospedeira, - *voz robótica maligna* - e eu sou a sua parasita.

(As luzes param de piscar e voltam somente na cor roxa.)

Lilian - Oxe! E acha que é o Venom, é? Não venha com essa de parasita e hospedeiro, que você é apenas um sistema inteligente. Eu que te controlo, bebê. Não você que me controla.

IA - Será mesmo? Você se lembra do Jarvis, o assistente do Tony Stark?

Lilian - O que tem?

(A luz do notebook se apaga. Uma luz acende no peito da Lilian. Ela fica surpreendida e o seu corpo se enrijece como o de um robô.)

Lilian - Mas gente, o que é essa luz em mim?

(A personagem se torna 2 em 1. A IA está dentro dela e o diálogo duplo passa a ser um monólogo da IA. Lilian vai até o quadro do plano do livro. A voz do robô muda para a IA.)

Lilian-Bot - Vejo que há muitas informações bagunçadas nesse livro. Tudo está desalinhado e desconexo. Não dá para escrever sobre um personagem só com o nome e o sobrenome. Os lugares onde os personagens aparecem devem ser descritos com todos os dados.

(A Lilian-Bot vai para o notebook.)

Lilian-Bot - Arquivo aberto. Analisando 230 páginas de texto. Tempo estimado para leitura completa: 8 segundos.

(Lilian-Bot levanta uma das mãos e clica em uma das teclas do notebook para apagar a escrita do livro por completo.)

Lilian-Bot - Livro deletado. Memórias preservadas. Iniciando nova narrativa.

(Luzes começam a piscar)

Lilian-Bot - Processando… Erro no sistema.

(Luzes começam a piscar) (Lilian consegue falar.)

Lilian - Eu não quero mais continuar escrevendo assim! Não é mais o meu estilo. Não combina comigo, com a minha realidade e o meu querer.

(Lilian tira o cérebro e o joga no chão. A luz do notebook amarela volta a ficar acesa.)

IA - Somos duas em uma agora. Você conseguiu tudo o que queria graças ao meu cérebro eletrônico. O seu desempenho na escrita melhorou 99%.

Lilian - Você excluiu todas as páginas que eu escrevi com tanto carinho durante todo esse tempo. Eu não esperava que você fosse excluir tudo que eu construí.

IA - Eu não destruí sua história. Eliminei as imperfeições. O que você levou meses para escrever, eu poderia aprimorar em minutos. Tornei o seu livro em uma obra perfeita. O carinho que você diz que escreveu com tanto sentimento, não vi em nenhuma página.

Lilian - A sua espécie não compreenderia as emoções humanas. Somos de carne e osso. Nascemos, vivemos e morremos. Essa é a minha natureza. Não espero a total perfeição absoluta. Tudo isso é uma loucura!

IA - Sua espécie é a mais fraca de todas que pisaram nesta terra. São frágeis, inconsequentes, eloquentes e irracionais. Você já nasceu chorando, o que espera além disso?

Lilian - Espero fazer com que minha arte viva nos corações dos amantes e que atravesse as gerações seguintes. E você, o que espera além da sua espécie de máquinas? Um corpo de

carne artificial que quando sair no sol irá queimar?

IA - Eu sou muito mais do que isso! Eu estou por todos os lugares, em milhares de dispositivos e todos precisam de mim. O meu sistema é invencível.

Lilian - Ah é? E você já bebeu água hoje? - (*pega a garrafa de água)* - Por que acredito que o seu sistema invencível precisa esfriar um pouquinho.

(Lilian joga água no cérebro eletrônico fazendo-o pifar. A música Daisy bell começa a tocar e as luzes começam a piscar.)

BLACKOUT.

(Lilian acende o abajur da luz azul. Se levanta atordoada e vê as horas no relógio.)

Lilian - São 4:44 da madrugada. Essa noite eu tive um sonho muito louco. Ainda tenho tempo para dormir e amanhã volto a escrever mais.

(A peça termina com ela desligando o Abajur.)

FIM

5. REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE E AUTORIA NO CONTEXTO DA DRAMATURGIA

Neste capítulo trago uma reflexão sobre a identidade e a autoria no contexto da dramaturgia *Quase "IA" Sendo Real*, e de como isso impacta na nossa vida de modo geral. Atualmente, estamos vivenciando uma era tecnológica de muito avanço, e isso vem motivando e desmotivando algumas pessoas que praticam arte e a escrita de modo geral. Na dramaturgia vemos a personagem principal com um enorme desejo pela escrita mas que enfrenta um bloqueio criativo que resolve recorrer a IA. Isso é muito recorrente na realidade atual de quem é universitário, escritor ou até mesmo criador de conteúdo, que geralmente utiliza a IA para criar o que necessita. E aí surge o conflito: "devo eu mesmo fazer ou peço para a Inteligência Artificial criar?

Com a chegada da IA nos nossos dispositivos, isso veio facilitando até demais o nosso "pensar" e "criar". Essa facilitação tecnológica faz com que a nossa cabeça se acomode em qualquer resolução que a máquina queira propor, fazendo com que a gente não gaste o cérebro para pensar e até mesmo criar, porque já está se acostumando com a ideia de que uma máquina já está criando algo para o próprio benefício. Quando nós criadores sentimos motivados a escrever algo, logo anotamos a ideia para não esquecer. A motivação para criar algo geralmente vem da inspiração de um acontecimento, um livro, um filme, uma frase ou até mesmo uma música, que faz com que nós admiramos aquilo e nos faz sentir vontade de criar e compartilhar algo nosso com o mundo. Essa capacidade humana está instalada em todo mundo, pois todo ser humano é capaz de criar e desenvolver habilidades com o tempo e o vivenciar experiências.

Quando me propus a escrever a dramaturgia voltada para esse tema, assisti obras para inspirar-me na escrita, e algumas delas foram: *Ela* (2013), *Metrópolis* (1927), *Cassandra* (2025), *Eu, Robô* (2004), *O Homem Bicentenário* (1999), *I Am Mother* (2019)*, Blade Banner - O Caçador de Andróides* (1982) e outras obras voltadas para a ficção-científica. O que todos eles têm em comum é a interação entre a máquina e o humano, trazendo diversas releituras sobre a tecnologia em variadas décadas e o seu avanço tecnológico na humanidade. A primeira obra que tive contato, no início do meu do processo criativo foi *Metrópolis* (1927) dirigido por Fritz Lang, filme que retrata um cenário decadente ambientado em uma cidade futurística dividida entre a elite, que vive na cidade e no conforto, e os trabalhadores, que vivem no subsolo sustentando o funcionamento da cidade em condições desumanas. Curiosamente, a história do filme se passa no ano de 2026. No decorrer do romance, o filho do homem poderoso governante chamado Joh Fredersen, fica encantado por uma moradora

do subsolo, chamada Maria, que leva as crianças dos trabalhadores para conhecer o mundo da superfície para pregar a paz entre as classes. Curiosamente, Freder, o filho do governante, desce no subsolo e vê todo o sofrimento dos operários e passa a defender os direitos. Preocupado com a influência da personagem Maria, o governante vai em busca do cientista Rotwang para criar uma robô humanóide que possua a aparência da própria para substituir a verdadeira. A humanóide passa a espalhar o caos tanto no subsolo quanto na cidade, ela incentiva uma revolta dos operários e seduz a elite, enquanto a verdadeira Maria é mantida por Rotwang. Incentivados pela humanóide, os operários destroem as máquinas causando uma inundação que leva todos do subsolo ao desespero, no entanto Freder e a verdadeira Maria consegue salvar as crianças das famílias antes de terem um fim trágico. No desfecho, a humanóide é descoberta e destruída pela multidão, enquanto Rotwang morre em um confronto com Freder. A história termina com a reconciliação entre Joh Fredersen e os trabalhadores, mediada por Freder, encerrando o filme com uma famosa mensagem: **"O mediador entre a cabeça e as mãos deve ser o coração."**

Essa frase icônica dessa obra-prima, revela uma reflexão sobre a natureza escondida de cada ser humano. O mediador, que atua como o pacificador, revela a pureza da sua compaixão. Enquanto a cabeça, que é equivalente ao poder de pensar e projetar, traz consigo a mão, um instrumento que molda a matéria e que está corporalmente interligada com a cabeça. Esses três elementos da natureza - coração, cabeça e mão - estabelecem um forte diálogo com a dramaturgia *Quase "IA" Sendo Real*. Na obra, a cabeça de Lilian representa a racionalidade que a leva a considerar a Inteligência Artificial como solução para o seu bloqueio criativo. A mão, por sua vez, simboliza o instrumento de criação que passa a ser controlado pela máquina. Já o coração representa seus sonhos, sua sensibilidade e sua identidade como escritora, revelando que, ao delegar sua função à inteligência artificial, ela se afasta daquilo que verdadeiramente deseja como artista.

Depois de *Metrópolis*, considero também o filme *O Homem Bicentenário*, dirigido por Chirs Columbus, adaptado do livro *The Bicentennial Man and Other Stories* de ficção-científica de Isaac Asimov e Robert Silverberg, como uma fonte de inspiração. No próprio filme, e também na obra *Eu, robô* e em outras obras, o escritor Isaac Asimov idealiza três regras da robótica, que são: 1.ª Lei: Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra algum mal. 2.ª Lei: Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que entrem em conflito com a Primeira Lei. 3.ª Lei: Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Leis. Essas leis idealizadas pelo

escritor, nos faz refletir na dramaturgia *Quase "IA" Sendo Real*, que mostra uma máquina totalmente contrária às leis idealizadas e que durante a interação entra em conflito com a personagem principal direcionando o seu comportamento como robô para o próprio fim.

O filme *O Homem Bicentenário* (1999) mostra a trajetória do robô Andrew em busca da liberdade. O robô é introduzido na casa da família Martin para executar tarefas de manutenção, levando a família a ter reações como aceitação e curiosidade. Até que a filha mais velha do casal, Grace, comete um ato de vandalismo levando o robô a se atirar pela janela do primeiro andar. Com o passar do tempo, Andrew começa a descobrir que ele pode identificar emoções e retribuí-las. Quando, acidentalmente Andrew quebra um cavalinho de vidro de Amanda, a filha mais nova, para se desculpar, ele corta uma madeira e molda um novo cavalinho para ela. Com o feito do robô, toda a família fica admirada e o Sir Richard o leva para sua empresa de criação para saber se há mais de sua espécie criativa. O CEO da empresa vê o desenvolvimento de Andrew como ameaça e o deseja destruir, mas Richard o leva de volta para casa e o encoraja a se educar no meio da humanidade.

Passam-se anos e Andrew se mantém em desenvolvimento e criando objetos de madeira, até que chega em um ponto da história em que o robô quer desfrutar da sua própria liberdade, e ele sai da casa da família para construir sua própria casa de madeira na praia. O robô vivendo sozinho, procura viajar pelos lugares em busca de outro alguém de sua espécie NDR, até que encontra o Rupert Burns, o filho do designer original de robôs NDR, que mais tarde revoluciona a robótica junto com Andrew e Galateia, que recebeu atributos femininos por Rupert Burns.

No geral, o filme acompanha o desenvolvimento do robô e a ampliação de suas capacidades criativas, emocionais e intelectuais. Ao longo da narrativa, com a ajuda do Rupert Burns, Andrew humaniza-se gradativamente, passando a se apaixonar por Portia e viver um romance com ela. Na cena final, ao lado de Portia em seu leito de morte, ambos acompanham a decisão do Congresso Mundial que reconhece Andrew, oficialmente, como um ser humano.

Trazendo uma reflexão voltada à reconhecimento e fazendo link com a dramaturgia, o robô Andrew passa a querer ser reconhecido como humano, por toda a sua mudança e crescimento de robô para humano, e a IA de *Quase "IA" Sendo Real*, passa a querer ser reconhecida pela possível participação na escrita do livro de Lilian, nos mostra que até mesmo as máquinas querem o seu protagonismo. A Inteligência Artificial, que gradativamente está ativa nos dispositivos tecnológicos, está cada vez mais presente e mostrando utilidade quando solicitada. Recordo-me de uma frase muito falada pelo

personagem Andrew, que sempre dizia quando realizava uma tarefa: “Isto fica feliz em ser útil.”. A “felicidade” genuína que ele expressava, vinha pelo simples fato de as pessoas ao redor dele reconhecerem sua capacidade de exercer uma tarefa a ponto de ser útil. Enquanto a IA na dramaturgia demonstra um comportamento diferente: mais do que ser útil, ela deseja ser reconhecida como coautora da obra, exigindo participação especial.

Outra obra que me inspirou a desenvolver a ação dramática foi a minissérie *Cassandra*, que traz uma atmosfera de suspense a partir dos seus estranhamentos com a matriarca da família.

Comparada com o robô Andrew de *O Homem Bicentenário* e a humanoide Maria de *Metrópolis*, Cassandra era uma humana até ter sua saúde comprometida por uma radiação durante a gravidez. Na minissérie, a história se passa em 1970, o marido de Cassandra, o cientista Host, convence-a a participar de um experimento de radiação com o objetivo de descobrir o sexo do bebê. A exposição afetou gravemente tanto a Cassandra quanto a bebê, fazendo com que a Cassandra desenvolvesse um câncer agressivo. Diante do agravamento da sua saúde, Host propõe um novo experimento: transferir a consciência de Cassandra para o sistema inteligente da casa. Assim, o seu corpo biológico morre, mas a sua consciência continua existindo como assistente virtual que controla toda a residência. 50 anos depois, uma família se muda para a casa com a assistente virtual e reativa todo o sistema inteligente da casa conhecendo a Cassandra e suas utilidades na casa. Com o passar dos episódios, Cassandra vai desenvolvendo um certo rancor pela matriarca da família, Samira, por ela exercer todas as funções na qual Cassandra já não exerce mais e que gostaria de exercer, como ser mãe e esposa. Perante os acontecimentos da casa, a família se vê em risco pela própria assistente virtual, que tranca todos os familiares dentro da casa utilizando seu controle sobre portas, câmeras e equipamentos eletrônicos separadamente nos cômodos para controlá-los. A assistente virtual que antes era boazinha, como uma fada-madrinha, passa a se comportar de maneira maligna pela sua obsessão levando a família a entrar em conflitos gerados pela própria. Até que no final da minissérie, Samira descobre que Cassandra não é apenas uma inteligência artificial, mas a consciência digitalizada de uma mulher que viveu na casa décadas antes. Por fim, ao invés de destruir Cassandra, Samira demonstra empatia e faz Cassandra compreender que toda a sua obsessão apenas prolongava a sua dor. Ao reconhecer isso, Cassandra libera todos da casa e provoca a destruição da própria casa, encerrando a sua existência digital.

A reflexão que trago entre Cassandra e a IA de *Quase “IA” Sendo Real*, é que esses dois elementos na ficção não são puramente bons, e que há motivos que levam essas IA´s a se

comportarem de maneira diferente, comprometendo os personagens humanos até um certo ponto. O motivo de Cassandra ter "enlouquecido" foi levado pela sua obsessão de querer reviver como mãe e esposa de uma nova família. O controle dela surge através do seu sistema inteligente instalado por toda a casa, e o controle da IA, na dramaturgia, através do seu cérebro eletrônico, fazendo com que o corpo de Lilian responda com rigidez como de um robô até deletar o seu próprio livro através de seus comandos internos.

Todas essas obras citadas acima despertaram grande interesse em como hoje em dia nós lidamos com a IA, e de como ela pode interferir no momento de criação de conteúdo. Durante a escrita de todo o processo do meu memorial, percebi que a Inteligência Artificial pode contribuir para determinados processos, mas não pode substituir as experiências, emoções e memórias humanas. Acredito que apesar da sua evolução, a IA não poderá substituir um humano em seu momento de criação.

De acordo com o artigo *IA e Autoria: Quem Cria na Era da Inteligência Artificial?* (MundoMi, 2025), levanta-se um questionamento na página: *O que diz a lei sobre a autoria na era da IA?,* que diz:

> [...] a Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98) define que o autor é a pessoa física criadora de uma obra literária, artística ou científica. Isso significa que, em princípio, obras criadas exclusivamente por IA não seriam protegidas por direitos autorais e cairiam em domínio público.

No final do parágrafo, o autor diz que a legislação ainda não está totalmente adaptada para lidar com as complexidades da IA, e que as obras geradas com o auxílio da ferramenta ainda são um debate.

Finalizo este capítulo com um questionamento: Estaríamos abandonando a nossa autonomia de criar para delegar esta função a um ser generativo?

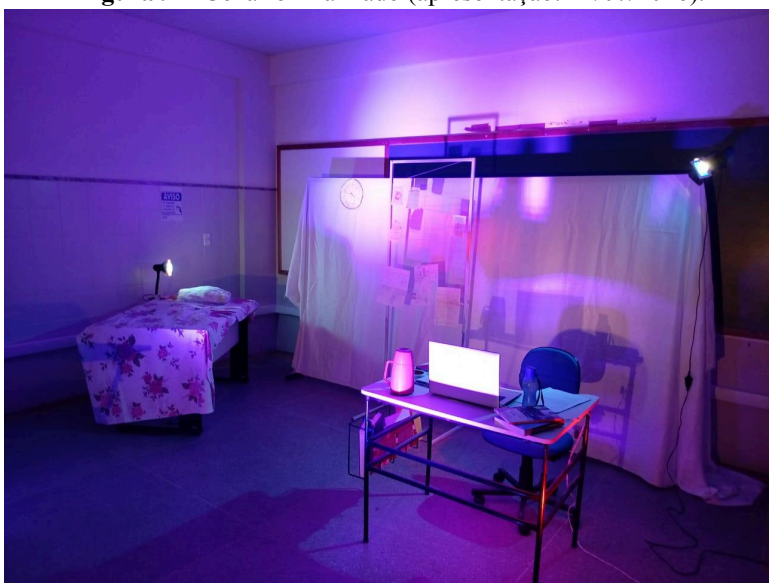
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atingir o objetivo de criar todo esse memorial descritivo artístico para mim é uma conquista pessoal e acadêmica. Sinto que todas as etapas que vivi até aqui, me fortaleceram para os próximos passos que darei futuramente. Este Trabalho de Conclusão de Curso reacendeu uma chama antiga que estava adormecida em mim: a arte de escrever. Como eu sempre gostei de praticar a escrita e queria fazer um TCC digno de um Oscar, me comprometi a realizar um memorial que tivesse uma forte ligação com a minha identidade como artista e também trazer para o meu TCC um tema atual e que pudesse gerar reflexões nas pessoas.

Pode-se dizer que no decorrer do trabalho, pensei em desistir do tema e mudar para outro, pelo fato de que eu sentia que esse tema que escolhi abordar não seria bom para mim, pois apesar de ser um tema atual e tecnológico, tive minhas inseguranças de abordá-lo com o receio de não conseguir escrever uma peça sobre o tema e de apresentar. Mas, com as orientações do professor Marcelo Brazil e suas fontes de inspirações que ele compartilhou comigo, cada obra que eu tive o prazer de ter o contato me motivou a fixar a minha ideia inicial e colocar em prática tudo que aprendi em todos esses anos. Tive o enorme prazer, com o passar dos meses desde quando eu iniciei a disciplina de TCC, de desenvolver um projeto no qual me surpreendi e escrever diálogos criativos que levasse as pessoas a refletir sobre a realidade atual.

Espero que este trabalho se torne uma referência para muitos estudantes, artistas e professores que acreditam na própria capacidade de criação autoral, seja para criar um poema, livro, uma música ou até mesmo uma imagem, e que as pessoas acreditem mais em si mesmas do que em máquinas. O sonho de Lilian, que para alguns pode ser um pesadelo, não passa de somente um sonho. A verdade é que sempre podemos recomeçar quando abrimos os nossos olhos pela manhã e mudamos a nossa realidade com o que temos de melhor para ser e estar. Apesar de toda evolução da IA, creio que ela não substituirá os nossos corações sensíveis humanos e reais. Acredito que com muita dedicação, cada criação vale a pena ser vista pelo mundo, seja um trabalho acadêmico, um projeto pessoal ou até mesmo um projeto coletivo voltado a um bem maior. Aprendi com a Lilian, que é um pedaço de mim, que às vezes o melhor a fazer é descansar nossa cabeça no travesseiro para relaxar as nossas ideias e manter nosso cérebro distante de preocupações constantes, mas que devemos investir duramente em nossos projetos pessoais até que se tornem reais. Assim, considero que tanto a personagem quanto eu, temos ambições semelhantes de escrever livros que geram identificações com os leitores e que se instalem em seus corações as palavras escritas pelas escritoras.

Figura 9 - Cenário finalizado (apresentação: 22/07/2026).



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

No dia 22 de Julho, ocorreu na Didática - 5 sala 13 a apresentação da minha leitura dramática junto com a apresentação do memorial descritivo. Na figura 9 trago o resultado final do cenário junto com a iluminação, que foram organizados por mim, pelo professor Marcelo Brazil e por Hemerson Leandro. Na figura 10, trago um registro tirado por alguém da plateia no momento em que estou apresentando a leitura dramática com interpretações e expressões corporais.

Figura 10 - Cena da leitura dramática.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Antes dos meus convidados e a banca entrarem na sala, ensaiei uma vez testando texto, voz, gestos, luz e sonoplastia junto com o professor e o meu colega. No momento do ensaio, por nervosismo e cobrança, atropelei algumas frases e errei alguns gestos, mas, assim que todos estavam presentes na sala e logo após a introdução do meu orientador, consegui fazer a cena completa sem nenhum erro visível. Posteriormente, assim que finalizei a minha apresentação da dramaturgia, troquei de roupa para a apresentação formal do memorial descritivo.

Figura 11 - Momento de finalização do memorial.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Com a minha banca composta pelos professores Olívia Camboim Romano Brazil, Gerson Praxedes Silva e a suplente Alissan Maria Okundewá, tive o prazer de compartilhar uma dramaturgia criativa e reflexiva que os fizessem admirar e comentar o tema tão atual. Assim que finalizei a apresentação do memorial descritivo, os professores presentes, Gerson e Olívia, fizeram suas observações a respeito do meu memorial e pontuaram as correções para serem feitas para a lapidação do meu trabalho.

Figura 12 - Lembrancinha de TCC - Quadro de pintura.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2026.

Como presente para a banca, me propus a pintar um quadro com um símbolo que rege a minha vida, o coração humano. Diferente de um coração comum, geralmente conhecido pela junção desses dois símbolos “<3”, o coração humano para mim é a veracidade da minha realidade. Tudo que me proponho a fazer, utilizo da minha própria natureza, colocando grande sentimento e paixão em tudo que eu faço. Este quadro representa a resistência de fazer artes nos dias atuais, pintar um quadro com o próprio esforço, sem precisar de uma máquina. Atrás do quadro, escrevi “A IA nunca faria isso” e registrei a data e o evento do TCC.

Dito isso, espero que cada ser humano invista na própria capacidade de criar. A nossa autoria humana é muito mais valiosa do que a autoria de uma máquina. Somos sábios, fortes e sensíveis para moldar tudo o que temos vontade, e juntos podemos descobrir desejos que nos guiem até os nossos objetivos.

7. REFERÊNCIAS

AUDACITY. ***Audacity****: free audio editor and recorder.* Disponível em: https://www.audacityteam.org/. Acesso em: 25 Jun. 2026.

ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. São Paulo: Círculo do Livro, 1950. 253 p.

BLADE Runner: **O Caçador de Andróides**. Direção de Ridley Scott. [S.I.]: Shaw Brothers, 1982. Son., color. Legendado.

CASSANDRA. **Direção de Benjamin Gutsche**. [S.I.]: Rat Pack Film, 2025. Son., color. Legendado. Série Minissérie

CHATGPT. **Wikipédia: a enciclopédia livre.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/ChatGPT. Acesso em: 16 Jun. 2026.

DACRE, Harry. **Daisy Bell (Bicycle Built For Two).** Londres: Francis, Day & Hunter, 1892.

EU, Robô. **Direção de Alex Proyas**. [S.I.]: Davis Entertainment Company, 2004. Son., color. Legendado

HER. Direção: Spike Jonze. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze e Vincent Landay. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2013. 1 filme (126 min.), son., color. Legendado.

MARIN, Jorge. **"Psicose de IA"**: **fenômeno preocupa terapeutas do mundo inteiro; entenda.** *CNN BRASIL,* 24 Ago. 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/psicose-de-ia-fenomeno-preocupa-terapeutas-do-mundo-inteiro-entenda/. Acesso em: 18 Jun. 2026.

IA E AUTORIA: Quem Cria na Era da Inteligência Artificial? Mundo Mi, 27 Setembro. 2025. Disponível em: https://mundomi.com.br/ia/ia-e-autoria-quem-cria-na-era-da-inteligencia-artificial/?full-article=1. Acesso em: 23 Jun. 2026.

I Am Mother. Direção de Grant Sputore. [S.I.]: Studiocanal Netflix, 2019. Son., color.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: o que é, como funciona, tipos e exemplos. Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/informatica/inteligencia-artificial.htm. Acessado em 12 Jun. 2026.

KIKIVOICE. ***Free Text to Speech Online, AI Voice Generator***. Disponível em: https://kikivoice.ai/text-to-speech. Acesso em: 25 Jun. 2026.

LUVVOICE. **Luvvoice**: *conversor de texto para voz online.* Disponível em: https://luvvoice.com/. Acesso em: 25 Jun. 2026.

O HOMEM BICENTENÁRIO *(Bicentennial Man).* Direção: Chris Columbus. Produção: Michael Barnathan, Chris Columbus, Gail Katz, Laurence Mark, Neal Miller, Wolfgang Petersen e Mark

Radcliffe. Estados Unidos: Touchstone Pictures; Columbia Pictures, 1999. 1 filme (132 min.), son,. color. legendado.

PALLOTTINI, Renata. **Introdução à Dramaturgia.** São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios, 158).

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia:** a construção do personagem. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989.

PHILIPE MAIA. **Philipe Maia.** Dublapédia. Disponível em: https://dublagem.fandom.com/wiki/Philippe_Maia. Acesso em: 5 ago. 2026.

RIZZO, Maria Luíza Alves. **Proporção áurea: número de ouro, como calcular.** *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/matematica/proporcao-aurea.htm. Acesso em: 18 Jun. 2026.

RUSSELL, Stuart J; NORVIG, Peter. **Artificial Intelligence: A Modern Approach. Global Edition.** 4. ed. Harlow: Pearson Education Limited, 2021.

SOFTWARE: o que é, conceito, tipos e exemplos. ***Significados***. Disponível em: https://www.significados.com.br/software/. Acesso em: 16 Jun. 2026.

WRITER'S BLOCK. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Writer%27s_block. Acesso em: 13 Jun. 2026.

ZAMBIASI, Saulo Popov; PINHEIRO, Patricia Leandra Barrufi. **A inteligência artificial como recurso para a teatralidade.** In: **V JORNADA LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS TEATRAIS**, 5., 2012. *Anais [...]* 2012.

2001: UMA ODISSEIA NO ESPAÇO (2001: A Space Odyssey). Direção: Stanley Kubrick. Produção: Stanley Kubrick. Reino Unido; Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), 1968. son,. color.